ANO XXIII (da fundação) SEVER DO VOUGA, Setembro de 1940 Número especial

O CAMINHO

Pregoeiro Cristão das Aldeias

JESUS DISSE: **"Eu sou o caminho"** João 14:6 | **"Êste é o caminho, andai por Êle"** Isaías 30:12

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Folharido
SEVER DO VOUGA

FUNDADOR — M. Marques Pereira
DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — H. Marques Pereira
EDITOR — Jaime de Jesus

COMPOSTO E IMPRESSO
nas Oficinas Tipográficas da PAPELARIA FERNANDES
Praça do Brasil, 13 — Lisboa

PIONEIROS

Há coisa de meio século, ainda não havia cais acostáveis na nossa cidade de Lisboa, um soldado português chegado da Beira aguardava, entre outros, a lancha que o levaria a bordo do transporte de guerra destinado a Angola.

Aproxima-se um homem do povo, de aparência vulgar, com um atado de livros, que lhe diz: "Vocemecê quere comprar a Biblia Sagrada?".

Pregunta estranha! Proposta inusitada!

"Para quê?" interroga o soldado. "Ora essa! É o Livro de Deus. E custa apenas dois tostões".

"Barata feira. Deixe cá ver um".

O pré extraordinário que pojava os bolsos do militar foi diminuído em duas rodelas de prata e a bagagem aumentada com um volume de modesta encadernação, que ia percorrer selvas e chanas de Angola, sem que mão humana lhe voltasse as páginas.

Foi o encontro de dois pioneiros — o soldado de Portugal a quem uma bala indígena iria varar uma coxa e penetrar na outra, obrigando-o a regressar à metrópole com louvor e reforma, e o soldado de Cristo, um desconhecido colportor que cumpriu o seu dever anónimo, abençoado pelo Eterno e Perfeito Sabedor.

Voltou o 1.º sargento Manuel Marques Pereira com medalha militar de cobre de comportamento exemplar, medalha de prata de bons serviços e medalha de assiduidade de serviços do Ultramar. E dele escreveu o alferes de infantaria Roque Jacinto Varela Júnior, comandante das fôrças que, na guerra da Lunda, ao dirigirem-se em 2 de Outubro de 1897 ao Pôsto "Brito Godins" da região da Ginga, foram atacadas pelo gentio revoltado, nas margens do rio Lue:

"Manuel Marques Pereira... foi inexcedível no cumprimento dos seus deveres, concorrendo pela sua bravura para que a fracção por êle comandada, seguindo-lhe o exemplo, se distinguisse entre tôdas as outras durante as cinco horas do renhido combate, que se prolongou desde a uma até às seis da tarde, e durante o qual foi êle gravemente ferido por uma bala inimiga que, atravessando-lhe uma das coxas se foi alojar na outra; ferimento êste que teve lugar numa das muitas ocasiões em que a sua bravura atingiu os limites da heroicidade".

Manuel Marques Pereira

Entretanto a velha Biblia viajante jazia no fundo da bagagem do sargento regressado à sua terra, na Beira. As medalhas ornavam-lhe o peito, nos grandes dias, mas a glorificação terrena não era fonte de repouso para a sua alma. Dentro dêsse peito batia um coração ansioso, que Deus escutou no seu inexprimível anseio.

Outro pioneiro de Cristo, Moisés Henriques, um beirão também, de-certo de ascendência *marana*, que na livre América encontrara o Evangelho da Salvação, trouxe-o à sua aldeia, abrindo ali uma casa para a prègação das suas fundamentais verdades.

A palavra foi escutada, a Bíblia foi desencafuada de entre o acervo das coisas esquecidas; e Marques Pereira tornou-se o herói cristão do Vouga. Um dos grupos reproduzidos neste número comemorativo representa três pioneiros do Vouga: Moisés Henriques, o iniciador, Marques Pereira, o animador, e Joaquim António de Jesus, um dos seus melhores auxiliares na obra evangélica da bela região, falecido a 4 de Julho de 1925.

O **Herói da Ginga** tornou-se o **Herói do Vouga**; o soldado de Portugal pôs ao serviço de Jesus Cristo as suas qualidades, sublimadas pelo Santo Evangelho. E hoje podemos dar glória a Deus pelo encontro da múltipla acção de pioneiros seus, conhecidos ou não, *quilolos* como se diz em melhor português, porque tal palavra vem de uma das línguas dessa Africa Portuguesa onde êle, o querido amigo e irmão Manuel Marques Pereira, deixou sangue generoso e donde trouxe energias que soube colocar aos pés de seu Salvador.

Os historiadores e cronistas de Angola, Francisco Castelbranco, Alberto de Lemos, Gomes da Costa, Costa Júnior, Henrique Galvão, Rocha Martins, Ribeiro Vilas e Julião Quintinha, nada dizem dêste feito; e bem pouco se pode encontrar em relatórios oficiais àcerca de Roque Varela e da Campanha da Lunda. Assim ficará esta página, a-pesar-de humilde, fazendo parte integrante do documentário histórico da nossa grande colónia, ao mesmo tempo que é um pequenino capítulo da pequenina história do Evangelismo Português.

Mas o que mais importa é ser ela um estímulo para a nova geração evangélica, que nestes exemplos vai encontrando uma fonte de santas e fortes realizações, as mais patrióticas e as mais humanas, no melhor sentido, porque a levará a servir a Pátria e a Espécie

Eduardo Moreira

Manuel Marques Pereira

(Do Portugal Novo de 1 de Agôsto de 1940)

No Dia do Senhor, 7 de Julho de 1940, pelas 17,30, após prolongado sofrimento, mitigado, porém, pelas consolações da presença do Senhor, dormiu em Cristo, com 72 anos, êste dedicado servo do Senhor, na sua casa de Folharido, Sever do Vouga.

Era primeiro sargento reformado do Exército, tendo estado em Angola de 1894 a 1898, onde se bateu valorosamente nas Campanhas da Lunda, recebendo algumas balas numa perna que o impossibilitaram para o serviço activo. Convertido ao Senhor em 1908 no Folharido, por instrumentalidade do irmão na fé Moisés Henriques, tornou-se desde logo um denodado soldado de Cristo, não só pronto a prègar o Evangelho de Cristo a todos os que o rodeavam, mas pronto a sofrer por êle. Marques Pereira não prègava o Evangelho só com os lábios, prègava-o diàriamente com uma vida íntegra de santidade, lealdade e honradez. Foi durante muitos anos guarda-livros da Companhia das Minas e Metalurgia do Braçal, onde estava empregado desde 1899, e gozava da parte dos engenheiros directores da Companhia a maior confiança e a maior estima, sendo igualmente estimado por todo o pessoal, que encontrava sempre nele um verdadeiro amigo. Muito amigo da pobreza, chegava a privar-se a si mesmo de muita coisa para poder socorrer os que necessitavam. Possuïdor de um coração que transbordava de amor para com todos os seus irmãos na Fé, exerceu a hospitalidade em tal grau que, francamente, não conhecemos nas províncias de Portugal outro crente a quem o Senhor tenha dado o privilégio de hospedar tantos dos Seus servos como a êste nosso querido Irmão. Por sua antiga casa do Braçal passaram consecutivamente, durante mais de trinta anos, dezenas de evangelistas, pastores, missionários e colportores das cinco partes do mundo e de todos os agrupamentos evangélicos e estes muitos hóspedes são unânimes em afirmar o que o escritor destas linhas afirma — que Marques Pereira era um verdadeiro "gentleman", uma alma cristalina que em tôdas as suas conversas transpirava sinceridade, bondade e honradez, uma alma que aspirava ardentemente por ver a palavra de Deus e o Amor de Jesus Cristo difundidos por todos os cantinhos do nosso querido Portugal. Foram muitas as actividades evangelísticas desta fiel testemunha de Jesus e ao seu esfôrço se deve a abertura de diversas missões evangélicas na região Beira-Vouga, como Senhorinha, Palhal, Albergaria-a-Velha, etc., tendo colaborado também entusiàsticamente na abertura e manutenção durante bastante tempo das missões de Frossos, Termas de S. Pedro do Sul e outras. Em 1932, de colaboração com o irmão na Fé sr. Jaime de Jesus, levou a efeito, na Senhorinha, a construção de uma elegante capela evangélica. Marques Pereira sacrificou pelo Evangelho dinheiro e saúde e todo o tempo que lhe restava do seu emprêgo era alegremente empregado na bendita sementeira da Verdade. Os Domingos eram dias de grande actividade para êste pioneiro de Cristo. Prègava de manhã no Folharido, marchava depois através das serras até ao Palhal, duas boas horas a pé, prègava ali às 15 horas e voltava a pé até ao Braçal, donde, após uma apressada refeição, caminhava mais meia hora até à Senhorinha, para ali tornar a prègar. E fêz isto durante anos! Marques Pereira podia dizer como S. Paulo: *"Eu trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus"* porque os seus trabalhos de pioneiro do Evangelho no Palhal, terra que lhe foi berço, valeram-lhe grandes perseguições, e entre elas um bárbaro apedrejamento no regresso, em Ribeira de Frágoas, tendo ficado com a cara e cabeça bem retalhadas pelas pedras com que a superstição e a ignorância queriam fazer emudecer êste arauto de Cristo. Em 1917 fundou o jornal **"O Caminho"**, denodado pregoeiro cristão das aldeias que cumpriu nobremente a sua missão com uma tiragem de 2.000 exemplares e que, só há pouco mais de um ano, deixou de circular por absoluta falta de recursos. Durante alguns anos o jornalzinho inseriu uma "Página dedicada aos encarcerados" que o tornava muito apreciado nas cadeias do país, onde se distribuïram milhares de exemplares. Foi com grande pesar que o seu fundador e proprietário viu suspensa a sua publicação. "*O Caminho*" era bem conhecido em tôda a parte onde se fala a língua portuguesa e sabemos que, por meio desta humilde fôlha cristã, preciosas almas foram iluminadas pela Verdade e convertidas a Jesus Cristo.

Pioneiros do Evangelho

Moisés Henriques *(em pé)*; Joaquim António de Jesus e Manuel Marques Pereira *(sentados)*.

Foi também Marques Pereira o organizador das Convenções Evangélicas Beira-Vouga, a primeira das quais teve lugar no Braçal em Junho de 1929. Estas Convenções continuam a realizar-se em vários lugares estando já anunciada a 14.ª para o Silveiro no fim de Julho e são sempre encontros muito abençoados, aos quais acorrem crentes não só da região mas ainda de Lisboa e Pôrto.

Marques Pereira deixa viuva e oito filhos, quatro rapazes e quatro meninas, e os seus filhos, no dizer das Escrituras, "*levantam-se e chamam-no bem-aventurado*", e bem-aventurados serão êles se seguirem fielmente as pisadas de seu pai e o seu nobre exemplo de lealdade a Cristo.

O funeral constituíu uma grande manifestação de simpatia da parte do povo e da dos crentes da região Beira-Vouga, que acorreram em grande número, tendo havido representantes da obra evangélica de Lisboa, Pôrto e Coimbra. O cortejo fúnebre saiu do Folharido para o cemitério de Sever do Vouga, umas duas horas e meia a pé atravez das serras. Em casa, dirigiu o testemunho evangélico Ilídio Freire, e na capela da Senhorinha e no cemitério oraram e fizeram uso da palavra o mesmo irmão e os irmãos srs. Viriato Sobral, Eric Barker, Manuel Aparício e Frank Smith. Organizaram-se três turnos sendo o primeiro constituído, a pedido da família, pelos pastores evangélicos; o segundo, por amigos de Marques Pereira, da região e o terceiro pela família.

A Obra Evangélica em Portugal perde um grande e valioso elemento e o escritor destas linhas um amigo que durante vinte e sete anos considerou e admirou como um dos seus maiores amigos.

José Ilídio Freire

UM SÍMBOLO E UM MODÊLO

Deve ter sido há uns trinta anos que eu tive o primeiro contacto com êsse zeloso pioneiro do Evangelho em Portugal que se chamou Manuel Marques Pereira e cujo nome deve ficar como um símbolo dos obreiros voluntários portugueses e como modêlo de fidelidade e perseverança cristãs.

Foi no tempo da evangelização intensiva, no início das missões de Frossos e Aguada de Cima, e ainda no meio de perseguições e dificuldades, quando eu ia regularmente visitar os grupos de cristãos espalhados pela província, que aquêle consagrado Irmão me procurou no Pôrto e me convidou a ir visitá-lo em sua casa nas Minas do Braçal. Conservo ainda vivas na memória algumas das impressões das visitas que lhe fiz para ali prêgar o Evangelho às pessoas que êle ia juntando para êsse fim. O sacrifício daquele servo de Deus vindo muitos quilómetros a pé para me esperar e me conduzir por aquelas montanhas escabrosas até sua casa; a visita inteligentemente dirigida às instalações e direcção das minas; um lar cristão e acolhedor, onde nunca faltava o culto doméstico com os pais, filhos e servos; o testemunho do engenheiro-director das Minas, que me dizia nunca ter tido empregado mais zeloso e cumpridor; o entusiasmo evangelizador daquela alma enlevada no conhecimento do puro Evangelho de Cristo e o desejo sincero e desinteressado para fazer chegar êsse conhecimento a tôdas as criaturas; o meu regresso feito muitas vezes numa vagonete das Minas, tirada por um cavalo e guiado por aquêle bom servo de Deus, para me trazer a Estarreja, e a anciedade daquele zeloso obreiro para aprender durante a viagem novos hinos e para aproveitar a mais pequena oportunidade para espalhar um folheto ou um Evangelho quando via qualquer pessoa que parecia saber ler!

Que tempos saüdosos êsses e que estímulo salutar para avivar as energias cristãs!

Consolemo-nos com a certeza de que são para crentes assim as palavras que Jesus prometeu dizer a todos os que forem fiéis até à morte: *Entra no gôzo do teu Senhor!* As obras dêste bom e incansável semeador segui-lo-ão no gôzo e no testemunho de muitos que, por seu intermédio, chegaram ao conhecimento do Evangelho e se gloriam na posse da salvação eterna por meio de Jesus Cristo. Espalhados pela vasta região do Vale do Vouga, e talvez aqui e além pelo Mundo Português, são o fruto da Bendita Semente da Palavra de Deus lançada com fervor, fé e oração.

Sim, Marques Pereira ficará sendo um símbolo e a sua vida um modêlo para os cristãos portugueses.

Alfredo da Silva

O COMBATENTE CRISTÃO

"Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a Fé, daqui em diante está reservada para mim uma corôa de glória que o Senhor o justo Juiz me dará naquele dia, e não sòmente a mim mas a todos aqueles que amarem o Seu aparecimento". (II Tim. 4:7 e 8).

Tais palavras, pronunciadas pelo grande Apóstolo, poderiam, com igual verdade, ser a mensagem de despedida daquele amado Irmão e consagrado Servo de Deus que conhecemos aqui com o nome de *Manuel Marques Pereira.*

Quando tive o privilégio, há quási vinte anos, de principiar a conhecê-lo, êle tinha vindo algumas léguas a pé só pelo prazer de se encontrar comigo e dois companheiros meus e passar uma escassa hora na nossa companhia! Raras vezes tenho encontrado tal demonstração de amor fraternal!

Prègadores do Evangelho reünidos na primeira Convenção Beira-Vouga em Junho de 1929

(Em pé, da esquerda para a direita) Eric Barker, J. C. Fragata, Antoine Auber; *(sentados)*, Dr. Allan Bodman, Eduardo Moreira, Manuel Marques Pereira, José Ilídio Freire e Dr. John Opie

A hospitalidade liberal com que recebia em sua casa os servos do Senhor tive o ensejo de experimentar nas ocasiões, de que tantas saüdades tenho quando o trabalho do Senhor me permitia umas semanas de folga — aliás bem empregadas em evangelização naqueles arredores.

Pude apreciar ali um pouco o que devia ter sido o esfôrço abnegado daquele Irmão que, completamente só num ambiente verdadeiramente hostil ao Evangelho, dava testemunho ousado e incansàvelmente, a-pesar-de encontrar uma resistência tenaz e violenta, chegando a ser apedrejado tantas vezes quando regressava, de noite por caminhos solitários, dos lugares aonde tinha ido levar o Evangelho.

Oxalá houvesse vinte iguais em Portugal. Podíamos contar com uma obra viril no nosso meio.

Outros escreverão com mais destreza do seu jornal *"O Caminho"*, do seu interêsse nos presos, dos vários trabalhos abertos por êle, da construção da Casa de oração em Senhorinha, das Convenções Beira-Vouga pela sua iniciativa, etc., e o relato destas coisas far-nos-á corar de vergonha por ser tão fraco o esfôrço que tentamos contribuír e deverá estimular-nos a dedicarmos todo o nosso ser inteiramente ao Senhor Jesus por Quem tudo podemos.

O povo que estava sentado nas trevas viu uma grande luz. (Mat. 4:16). *A condenação é esta que a luz veio ao mundo mas os homens amaram mais as trevas do que a luz.* (S. João 3:19).

Uma responsabilidade muito grande cabe aos que tiveram oportunidades de conhecer êste bom amigo e ouvir por seu intermédio a mensagem do Amor de Deus, mas não fizeram caso.

A condenação certa resulta da rejeição da luz divina.

Muitos estarão na glória eternamente reconhecidos a Deus por terem conhecido na terra aquele Seu servo. Se algum leitor destas pobres linhas sentir que está na categoria daqueles que até aqui amaram mais as trevas do que a luz, que Manuel Marques Pereira, estando morto, ainda fale ao seu coração e o leitor deixe a luz do Céu entrar.

Eric H. Barker

GRATIDÃO E TESTEMUNHO

Relata o evangelista Lucas (cap. 17) que, indo Jesus de caminho para Jerusalém, lhe saíram ao encontro dez leprosos, que clamavam: *"Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós"*. Desejavam ser curados da sua horrível moléstia: e o Senhor os curou. Um deles, porém, *"vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz; e caiu aos seus pés, com o rosto em terra, dando-lhe graças: e êste era samaritano"*. Dos dez beneficiados sòmente um exteriorizou o seu reconhecimento, e é interessante notarmos que êste homem agradecido pertencia a um povo que vivia em franca hostilidade com o povo judeu, ao qual o Divino Mestre pertencia, segundo a carne.

Na nossa língua há uma palavra que exprime o sentido do reconhecimento daquilo que, por mercê, se recebe, e que é — **gratidão.**

Se os homens soubessem ter na devida conta os benefícios recebidos de Deus — e são êles tantos, tantos! — seriam sinceros, despir-se-iam de tudo que é mau e que o seu coração endurecido alberga, e, à semelhança do samaritano favorecido, manifestariam a sua gratidão ao Senhor de tôda a graça, entoando com o Salmista: *"Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha alma ao Senhor, e não te esqueças de nenhum dos seus benefícios"* (Salmo 103).

Infelizmente assim não acontece, e é por isso que imensa multidão, embriagada pelos prazeres efémeros dêste mundo, segue o **caminho** largo, cujos caminhantes, obstinados e cegos, descansam em meras veleidades e desmandos de ordem diversa, que tão acarinhados são pela vil matéria.

"Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens e em todo o lugar, que se arrependam; porquanto tem determinado um dia em que há-de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos. (Actos 17:30,31)

Ora todo o homem despertado à beira do tétrico abismo da perdição eterna, face a face com o juízo de Deus, que aceite a mão protectora e carinhosa da graça Divina; que, arrependido dos seus desvarios, dos seus pecados, e com inteira submissão preguntе em seu íntimo, como o carcereiro de Filipos: *"Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?"* (Act. 16:31), é que então pode ouvir aquela dôce e suave voz: *"Filho, tem bom ânimo, perdoados te são os teus pecados"* (Mat. 9:2), *"Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá"* (João 11:25), pois o Seu sangue nos *purifica de todo o pecado* (I João 1:7) e sente em si mesmo realizada a operação do Espírito Santo, testemunhada pelo "apóstolo do amor" — *"todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no seu nome"* (João 1:12), — não pode deixar de sentir e suster o impulso espontâneo, o iniludível dever e privilégio de expandir a alegria que vai em seu coração em testemunhando a misericórdia divina a si mesmo manifestada. E assim mesmo foi a experiência dos santos apóstolos do Senhor. (Ver. Act. 4:20; 1:8, e Mat. 24:14).

Compreende-se, então, a ânsia, a solicitude do irmão Marques Pereira, fundador dêste jornal, em tornar conhecido dos seus semelhantes o Evangelho de Jesus (a Boa-Nova) pelo qual lhe veiu o conhecimento daquele **caminho**, que conduz à vida eterna.

Armindo Moreira

Um grupo de convencionistas

Tendo ao fundo a primeira casa de oração em Folharido onde cêrca de 30 anos se prègou o Evangelho

A MELHOR HOMENAGEM

I Timóteo 5:17

Foi para mim motivo de grande regozijo; quando me foi dado o privilégio, de colaborar na presente homenagem a um Amigo e Irmão tão querido como foi Manuel Marques Pereira.

Não sei exprimir bem — escrevendo — o que me vai no coração; espero porém, que tôdas as almas sinceras, receberão o sentido da minha humilde colaboração, na homenagem ao Apóstolo de Cristo na Região do Vouga (Portugal Evangélico N.º 241).

Marques Pereira realizou de uma maneira admirável a negação mais completa de si próprio devotando-se a todos os infelizes que do Salvador careciam.

Não importava, que, o que aportava ao Braçal (de saùdosa memória) fôsse o mais andrajoso e celerado, pois algumas vezes me disse, com a Luz que lhe estava no coração transparecendo-lhe no rosto: Irmão, os desgraçados são como os feridos, ninguém lhes preunta se são amigos ou inimigos antes de os curar. E com tal Espírito, se manteve dezenas de anos, servindo o seu Glorioso Mestre que é nosso também.

Muitas vezes vi as crianças que o encontravam pelo caminho, pondo as mãos e pedindo-lhe que as abençoasse.

Os inimigos mais audazes do Evangelho curvavam-se perante o nome de Marques Pereira, e contudo, êle não era considerado uma figura de influência social; mas... para êle o viver era Cristo, eis o segrêdo.

Como pois homenagear da melhor maneira tão bom Servo do Senhor?

A citação que encima estas linhas manda-nos dar honra duplicada aos que trabalham na Palavra e na Doutrina. Posso garantir-vos, que se o nosso Irmão estivesse ainda neste mundo e lhe preguntássemos como é que êle desejaria que a duplicada honra lhe fôsse manifestada, êle nos diria: Não deixeis cair em ruínas a obra que comecei e mantive para a Glória do Senhor.

Os trabalhos mais importantes, fruto do seu Testemunho são: A Igreja do Folharido, a Igreja de Senhorinha e a Igreja do Palhal. A primeira já há muitos meses que se encontra fechada, simplesmente porque não há quem ali vá fazer as respectivas reüniões; e é de notar, que o edifício da Igreja é propriedade da mesma, e dentro em pouco a intempérie se associará à nossa inércia, e uma das mais belas obras de Marques Pereira desaparecerá por completo.

A segunda: Senhorinha (com capela própria para o culto) está um pouco melhor, mas tende a levar o mesmo

destino se não lhe acudirmos a tempo.

A grande maioria dos seus membros são já idosos, pois são contemporâneos do nosso Irmão que ali mantinha o Trabalho. Os poucos membros jóvens que existem, não residem ali, por necessidades da sua vida particular.

A terceira: Palhal, é a única que se encontra em florescência e prosperidade espiritual com bastantes conversões (na maioria Jóvens) que já ajudam bastante, e instruídos na Palavra pelo nosso Irmão Sr. Sobral e Esposa que de Estarreja ali vão ameüdadamente, e a quem o Trabalho está confiado.

O Trabalho do nosso Irmão não pertencia a denominação alguma, e pertencia a tôdas; pois tôdas as denominações Evangélicas reconhecidas pela Aliança Evangélica Portuguesa ali têm prègado, de maneira que, o serviço ali

A Capela Evangélica de Senhorinha
Inaugurada em 14 de Agôsto de 1932

não tem (sob certo ponto de vista) organização. A convite do nosso Irmão ia alguém nos primeiros domingos do mês celebrar a Ceia do Senhor, e posso dizer que o culto em Senhorinha a pouco mais do que esta visita mensal está reduzido. Não haverá um Servo do Senhor chamado por ÊLE que para ali possa ir e continuar tão belo Trabalho? E se êste Servo de Deus aparecer? Virão encargos enormes que os membros da Igreja, (na sua maioria pobres) não poderão enfrentar sòzinhos. Já sei que a Obra é do Senhor, porém, é por nosso intermédio que ÊLE a executa.

Os inimigos do Evangelho diziam que quando Marques Pereira morresse, acabariam os Evangélicos ali também.

Será possível meu Irmão que colabores com êles desinteressando-te da manutenção do Trabalho ali?

Aproveito pois a ocasião para fazer um apêlo, a tôda a Comunidade Evangélica, a todos que se interessam pelo Alargamento do Reino de Deus, pela Salvação de preciosas almas, a interessar-se, pela continuação do Testemunho de Marques Pereira, quer orando, quer agindo.

Restauremos a Igreja do Folharido, abrindo-a de novo ao culto, com reüniões regulares, avivemos a Igreja de Senhorinha, regularizando os seus cultos também, e esta será a melhor homenagem que podemos prestar a tão querido Amigo que se chamou Manuel Marques Pereira, a quem na Glória entre os amigos terrenos que aqui tinha (depois do meu Salvador) é a êle quem primeiro eu quero ver.

M. R. Aparício

P. S. — Para mais detalhes e esclarecimentos da Obra, podem os interessados dirigir-se a qualquer dos seguintes Irmãos:

Hugo Marques Pereira
R. da Beneficência, 66-2.º
Lisboa — N.
Jaime Pereira de Jesus
S. João da Madeira

CORRESPONDÊNCIA

Todos os pedidos de folhetos e livros evangélicos podem continuar a ser dirigidos a George Howes e Ilídio Freire, Calçada dos Mestres, 7 — Campolide — LISBOA.

ÊSTE É O CAMINHO

Fez em Maio dêste ano de 1940, nove anos que estive pela primeira vez no Braçal, em casa do querido Sr. Marques Pereira, aproveitando umas férias de quinze dias, que, afinal, foram reduzidas a sete, por ter sido chamado à pressa de Lisboa, por motivo de serviço.

Que privilégio foi para mim, além da oportunidade de prègar ao simpático povo da Senhorinha e Folharido, o convívio com aquele dedicado servo do Senhor e sua Família, especializando suas queridas filhas mais novas, às quais fiquei dedicando grande amizade e que se multiplicavam em gentilezas para com êste indígena da longínqua Lisboa.

Em 1936 voltava lá pela segunda e última vez, até hoje, para rever aqueles queridos do Braçal e prestar mais uma pequeníssima quota parte de esfôrço no trabalho da Capela da Senhorinha. Agora, mais cansado, não podíamos ter conversas tão longas. Essas, eu tinha-as à lareira, com a gente nova e amiga da Família, que assim continuava, acumular-me com sua amizade, naqueles dias chuvosos de Novembro de 1936, em que tive, quási sempre, de permanecer dentro de casa. Mas em 1931, podíamos sair, ainda os dois, pelos caminhos do Braçal, parando junto de cada árvore de espécie diferente, cujo nome tinha de me ser ensinado, — tão ignorante que eu era — habituado ao restricto horizonte dos escritórios da Baixa, com secretárias, canetas e tinteiros, e, sei lá, que mais...

Que doçura, que simplicidade, que amor do Senhor irradiavam dos seus lábios, daqueles olhos azues, tão ingénuos, tão bons!

— "Oh! Irmão" dizia êle, extasiado, perante uma *austrália*, "veja como esta árvore vive, e como nós vivemos também. Ela vive da terra, pelas raízes que sugam o alimento e a bebida, que enrijarão o seu tronco. Mas vive também de cima, pelas fôlhas que respiram... E nós, pelo corpo, tomamos o alimento material, mas pelo nosso espírito alimentamo-nos *de cima, do* **Senhor!**..." E o olhar era iluminado por um sorriso, tão puro, tão bom, tão cheio do gôzo do Senhor...

O seu querido jornal, *"O Caminho"*, desde então, veio-me sempre visitar, expedido pelas suas boas ajudadoras, suas filhas e minhas queridas amiguinhas. *"Êste é o Caminho! Andai por Êle"* Isaías 30:21) é um dos dois versículos que se encontravam sempre no cabeçalho da simpática fôlha de evangelização.

Ao escrever estas tão simples linhas para o número especial que seus queridos filhos tiverem a feliz idea de publi-

car, e em que nos é dada a oportunidade de trazer o preito da nossa amizade pelo combatente que já foi promovido à Glória Celeste, e o testemunho da nossa gratidão a Deus que no-lo deu por algum tempo, volta aquele versículo a passar defronte dos meus olhos, entremeando-se com a figura daquele querido ancião, tão simples, tão bom, tão amante do seu Senhor e dos seus irmãos!

E ao pensarmos naquela vida exemplar, tão bem descrita na notícia bio-

Manuel Marques Pereira
No jardim da casa que habitou durante a sua acção evangelizadora

gráfica de José Ilídio Freire no *"Portugal Novo"* de 1 de Agôsto de 1940, temos vontade, sentimos a responsabilidade de acertar o nosso passo pelo seu, de seguirmos na vida Cristã, na nossa vida de servos do Senhor, aquele querido amigo que nos conduzia pelos caminhos do Braçal, ensinando-nos a vida das árvores e a dos homens, com palavras tão simples, com aquele sorriso tão bom, aqueles olhos azues, da côr do Céu que êle contemplava e para onde foi. Como que o estamos ouvindo dizer a todos nós o versículo do seu jornalzinho, para que o vamos seguindo, imitando e *vivendo*: *"Êste é o Caminho! Andai por Êle"*.

Guido W. Oliveira

"O morrer é do mundo voar;
"O morrer é p'ra o céu subir:
"O morrer é com Cristo habitar;
"O morrer é p'ra a glória partir";

O obreiro exemplar

Diz o povo, numa dessas conceituosas quadras que encerram o saber ganho pela experiência acumulada de muitas inteligências e de muitos séculos:

Preguntaste quem sou
qual a minha geração
sou filho das minhas obras
por elas me julgarão

e não é esta a opinião do Divino Mestre quando ensinava *"Pelos seus frutos os conhecereis"?!*

Pois em Marques Pereira a quem êste jornalzinho **"O Caminho"** por êle fundado, presta homenagem—aliás bem merecida e justa — encontrámos um dêsses caracteres que nos deixam pelo seu exemplo uma esteira luminosa a irradiar luz às gerações vindouras.

Marques Pereira a quem, aqui, presto a minha sincera homenagem, não morreu, antes continua a viver no nosso espírito, fazendo sempre relembrar a sua grande obra de amor pelas almas.

Para todos é bom recordar o que foi essa vida de consagração êsse carácter nobre, êsse espírito desinteressado.

Não é ainda o momento de fazer a sua biografia. Deixo apenas aqui nestas duas palavras de saüdade o testemunho sincero do que o evangelismo na Beira-Vouga deve ao obreiro exemplar e incansável que foi Marques Pereira.

Conheci-o há cêrca de doze anos na ocasião de uma viagem de evangelização ao Norte. Marques Pereira recebeu-me com a maior afabilidade. E mal cuidava eu que a simpatia que nesses rápidos momentos de convívio êle me inspirou, havia de converter-se em dedicada amizade e profundo respeito, sentimentos que ainda hoje nutro pela sua inolvidável e saüdosa memória.

Quem há no evangelho que não conhecesse êsse corpo pequeno sem compleição forte mas que era a guarida de uma alma nobre?

Os que conviveram com Marques Pereira sabem qual era a graça e a cortezia do seu trato. Luz no seu olhar, bondade no seu sorriso e encanto nas suas palavras foram os predicados que o fizeram ganhar um amigo em quem tinha a dita de o conhecer.

Na obra do Evangelho êste amigo pertencia à grande pléidade de heróis da fé dos quais no dizer do Apóstolo S. Paulo *"O mundo não era digno"*.

Só quem conhecia êste grande amigo da Obra Evangélica em Portugal poderá avaliar a perda que o seu desaparecimento representa.

Tendo a intuïção clara de que só o Evangelho de Cristo, na sua simplicidade e pureza, podia tornar feliz o povo da Beira-Vouga, dedicou-se com verdadeiro entusiasmo à Obra naquela região.

A sua actividade, contra a qual logo no princípio do seu apostolado as pedradas e os apupos nada puderam, é digna de registo.

Não foram apenas os seus capitais que envolveu na Obra, não foram só os seus recursos intelectuais e o seu esfôrço que inteiramente dedicou à Obra mas sim também tôdas as energias da sua alma e todo o afecto do seu coração.

Se dissermos que Marques Pereira deu-se de corpo, alma e coração ao trabalho da salvação de almas não exageramos.

Pela causa santa do Evangelho sacrificou muitas vezes o doce aconchego do seu lar, os seus interêsses, as suas comodidades, a sua saúde e até a sua própria vida!

Foi incontestàvelmente um herói que seguindo com extraordinária firmeza a sua rota venceu com admirável pertinácia os sucessivos escolhos que se lhe deparavam.

Estas mal alinhavadas palavras são alguma coisa acêrca dessa vida que o Evangelho restaurou guiou e embelezou, provando assim que é sempre o mesmo poder salvador.

Bem haja pois a memória dêste fiel servo de Deus, dêste

Homem dum só parecer
dum só rosto, uma só fé
de antes quebrar que torcer...

José Balão

Agradecimento

A todos quantos directa ou indirectamente se interessaram pela saúde de Manuel Marques Pereira durante a sua longa enfermidade, assim como àqueles que se dignaram prestar-lhe homenagem com a sua presença, quando do seu funeral, e ainda aos que com tão boa vontade colaboraram na confecção dêste número especial de "O CAMINHO", quer escrevendo quer tratando da sua expedição, vão os maiores e fraternais agradecimentos, desejando-lhes ricas bençãos celestiais.

A Família

CARTA AMIGA

(aos que devolveram O CAMINHO)

De "O Caminho" de 25 de Fevereiro de 1918

SUPOMOS que não foi a despesa dos seis vintens por ano que deu causa à devolução do nosso mensário; pois como nos disse um amigo ao remeter os 12 centavos: — «Isto não é pago nem é dado».

Não sendo pois uma questão de economia, entendemos que foi discordância na doutrina que expendemos.

Em qualquer dos casos estais no vosso direito e não pareça que nos queremos queixar. Uma faculdade porém, nem sempre é uma razão. Estamos convencidos que a maior parte dos devolventes estão muito longe de conhecer os nossos intuitos aliás sinceros e generosos. Disseram-vos que não devíeis de ler "*O Caminho*"; os padres ameaçaram-vos com a *escomunhão*, e vós não quizestes sequer examinar tudo, como ensina S. Paulo, e escolher o melhor.

Como fechamos o ano com o presente número, não o quizemos fazer sem vos endereçar algumas palavras.

Quando o Senhor Jesus enviou os seus doze discípulos a prègar, como lemos em S. Mateus cap. 10, disse: «*Sucedendo não vos querer alguém em casa, nem ouvir o que dizeis, ao sair para fóra da casa, ou da cidade, sacudi o pó de vossos pés.*» (verso 14).

No livro do profeta Ezequiel, cap. 33 verso 9, Deus diz: "*Se advertindo tu porém o ímpio que se converta dos seus caminhos, êle se não converte do seu caminho, morrerá êle na sua iniqüidade, porém tu livraste a tua alma*".

Quando o Senhor Jesus enviou os 72 discípulos a dois e dois adiante de Si, disse-lhes: "*Mas se vós entrardes nalguma cidade, e vos não receberem, saindo pelas suas praças dizei: Vêde que até o pó, que se nos pegou, da vossa cidade, sacudimos contra vós; não obstante isto, sabei que está a chegar a vós outros o reino de Deus*".

Quando algum mal acontece, ninguém quer carregar com a culpa, ainda o mais culpado se escusa quanto pode. E, a perda de uma alma que passe para a eternidade sem a salvação é o pior mal que conhecemos. Todos os outros males têm mais ou menos remédio, mas uma alma ida para o inferno é um mal sem nenhum recurso ou esperança.

Ora nós queremos sacudir o pó dos nossos pés que servirá de testemunho contra vós, e avisar-vos novamente do perigo em que andais regeitando a mensagem da Salvação que vos desejamos anunciar.

Escrevemos a pessoas, algumas das quais nem sequer conhecemos, e contudo desejamos-lhe igual bênção como àqueles que conhecemos, pois todos têm a mesma necessidade da graça de Deus, que conhece bem a nossa intenção que são os seus propósitos.

É possível que algum de vós não creia em Deus; a maior parte, porém são religiosos, mas de uma forma mecânica, isto é, são movidos pela transmissão dos preceitos humanos animados do espírito do êrro.

Falamos assim claramente, porque é isso justamente o que vemos.

Quem vos escreve estas palavras também praticou o que vós ainda praticais, mas foi tudo na ignorância. Levaram-no a baptisar; à missa, à confissão, à novena, à festa; ensinaram-no a rezar, a fazer três cruzes da testa ao peito; a trazer ao pescoço os escapulários, etc. E com tudo isto, chegou aos quarenta anos sem gôzo, sem paz, sem o Espírito Santo, e muito pior ainda, carregado de pecados sem saber como lhe seriam perdoados, pois não podia crer que a *absolvição* do padre e 12 vintens de esmola, *por castigo*, pudesse reconciliá-lo com Deus e com os seus semelhantes. Andava inquieto e cheio de temor, pois tinha crido que o pecado não podia ficar sem castigo. Enquanto que assim andava, quiz Deus que alguma enfermidade física viesse ainda agravar mais o triste estado espiritual. Uma noite tomou a resolução de procurar um padre dos *melhores* para lhe apresentar o seu estado.

Porém neste meio tempo, eis que o Evangelho da graça de Deus se lhe avisinha. Estávamos a 3 de Setembro de 1908 ao fim daquela tarde, fim de verão, quando alguém anuncia: — Hoje está em Folharido um sr. Doutor que lá vem prègar. — Ignorava se era Dr. médico ou jurídico, mas vinha prègar e era isso o que interessava. Lá se apresentou o nosso enfermo e ao ser-lhe oferecido um lugar mais cómodo, disse, não; ficarei aqui à porta porque não espero pelo fim. Realizou-se a anunciada prègação pelo anunciado Doutor.

Era o sr. dr. Joaquim Leite Júnior, de Coimbra. Leu a passagem da entrada de Jesus em Jerusalém aclamado pelo povo. Não era coisa nova para o nosso ouvinte, pois mais que uma vez tinha lido essa Escritura. Ouviu a explicação, a oração e os cânticos, e sempre ficou até ao fim. Foi esta a sua chamada para despertar do sono da ignorância. Estava iniciada a obra de Deus nesta alma. Seguiu-se um verdadeiro desejo de conhecer mais e mais do amor de Deus para com os pecadores, e sôbre o motivo e valor da morte do Senhor Jesus Cristo levantado na cruz. Cada leitura da santa palavra de Deus, cada nova lâmpada que se acendia. Para cada texto difícil aparecia outro com chave. E cada dia, mais e melhor descobrimos a grandeza das misericórdias de Deus pela obra consumada no Calvário.

Hoje é que compreendemos que a «Palavra de Deus não volta para traz vasia», como está escrito. Que «*importa nascer de novo*», como Jesus disse. Que pela graça, mediante a fé, é que somos salvos. Que Jesus veio a buscar e a salvar o que se havia perdido.

«*Que de tal maneira amou Deus ao mundo que lhe deu o seu Filho Unigénito, para que todo o que nele crer não pereça mas tenha a vida eterna*».

Encontrou o melhor *padre*. Um que pode perdoar pecados, e dizer vai-te em paz a tua fé te salvou.

Um que clama: «*Vinde a mim todos os que estais cançados e oprimidos, e eu vos aliviarei*».

Agora é que conhece quem é o Caminho a Verdade a Vida, e que ninguém vai ao Pai senão por Jesus. Agora é que distingue os vivos de entre os mortos, e como a verdadeira vida está em Jesus.

Agora é que pelo favor de Deus compreendemos quanto era baldado todo o nosso esfôrço para gosar a paz de Deus pelas nossas obras, quando essa paz já estava feita por Jesus Cristo e só faltava aceitá-lo pela fé.

Agora é que conhecemos a nulidade da missa, da confissão, da reza, das penitências, das indulgências, enfim de tudo quanto seja um esfôrço humano em detrimento da obra de Nosso Senhor Jesus Cristo, que morrendo por nós, nada deixou para completarmos, porque tudo cumpriu.

Agora é que conhecemos as invenções dos homens creando purgatórios, infalibilidades e outros; e permitindo com tôda a aprovação a abominável idolatria.

Agora enfim é que podemos fazer nossas as palavras de S. Paulo:

— «*E, na verdade, tudo tenho por perda, pelo iminente conhecimento de Jesus Cristo meu Senhor; pelo qual tudo tenho perdido, e o avalio por esterco contanto que ganhe a Cristo, e que seja achado n'Ele*». (Epist. aos Philip. Cap. 3 verso 8).

Como é provável que duvideis do que deixo dito termino com um pedido:

Comprai ou pedi emprestado um Novo Testamento; lêde-o com desejo de serem esclarecidos e identificados no pouco que tendes ouvido; examinai tudo quanto o Senhor Jesus ensinou, tudo quanto e como instituiu as regras da verdadeira conduta cristã. Atentai bem no exemplo, ensinamento e testemunho dos Apóstolos. Fazei tudo com prévia oração, com humildade e reverência, porque é a Palavra de Deus. Depois fazei o confronto com a prática, ensino e regra da Igreja romana, e dizei-me o que pensais sôbre a conclusão a que

¿QUEM FÔRA E QUEM ERA MANUEL MARQUES PEREIRA?

SERÁ esta a pregunta que farás, caro leitor, por nunca teres tido o privilégio de o conhecer? Se assim é, e se não és ainda um remido do Senhor Jesus, vão para ti dirigidas estas simples e humildes linhas, procurando dizer-te alguma coisa mais, além daquilo que terás acabado de ler.

Manuel Marques Pereira era um pobre pecador que anciava qualquer coisa para o sossêgo da sua alma atribulada, sentia um vácuo no seu coração e nada encontrava para o preencher, e por várias vezes tinha procurado prelados para que estes lhe dessem o lenitivo de que tanto carecia.

Um dia, foi no ano de 1908, ia passando próximo de uma casinha no lugar do Folharido quando alguem instou para que entrasse a-fim-de ouvir a «Boa Nova» para a salvação da sua alma. Cedeu... «mas por pouco tempo», dizia êle, «porque tenho onde ir». Entretanto, uma vez ali, Marques Pereira tudo esqueceu e com sofreguidão ouviu maravilhado coisas que nunca ninguém lhe tinha dito.

Oh! suprema felicidade! O remédio que havia tanto tempo procurava, encontrava-o ali próximo de sua casa! «Podia lá ser que Cristo tivesse derramado o Seu precioso sangue por êle, um pobre pecador, e que se oferecesse para perdoar os seus pecados?» dizia Marques Pereira. Sim, leitor amigo, quando êle se retirou de ali já uma nova criatura era; êsse dia, foi o da sua salvação, foi o início de uma nova vida entregando-se tôda a Cristo Jesus.

Que transformação na vida de Marques Pereira, que alegria e gôzo êle sentia em ter encontrado o seu Bendito Salvador! Era uma alegria como só a sentem aquêles que aceitam Cristo em seu coração. Não a querendo para si só, levou êle a Boa Nova da Salvação a muitos corações atribulados.

Marques Pereira foi um farol que se acendeu nas serranias da Beira Vouga e cuja Luz ultrapassava as fronteiras de Portugal até além mar. Em conseqüência desta Luz, graças a Deus que muitas almas foram iluminadas.

Disse Jesus: «*Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida*». (S. João 8:12).

Mês após mês, ano após ano, chamando e instando, ouvimo-lo muita vez dizer: «hoje é o dia da salvação, amanhã poderá ser muito tarde».

Marques Pereira foi preso, foi apedrejado e escarnecido por amor ao seu Salvador; mas quanto mais a tempestade rugia em redor, maior firmeza e vontade tinha de clamar bem alto as novas da Salvação.

Quando da sua prisão, juntamente com Moisés Henriques, fizeram como o apóstolo Paulo e Silas na prisão (Actos 16:25): oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam. Êles sabiam que o mesmo Deus que tinha livrado o profeta Daniel na cova dos leões (Daniel 6:22), tinha também poder para os livrar das fúrias de Satanaz e que o Senhor Jesus tinha sofrido incomparàvelmente muito mais por êles.

Marques Pereira verteu o seu sangue pelo amor de Jesus Cristo quando vítima de um dos bárbaros apedrejamentos em que a turba endemoninhada o perseguiu, durante mais de dois quilómetros, e, vociferando que o matassem, lhe atiravam com pedras, paus, latas velhas e tantas outras coisas que caíram em cima do servo do Senhor. Enquanto o sangue brotava dos ferimentos recebidos, julgas, caro amigo, que êle se virou indignado contra os seus apedrejadores? Não julgues tal, pois nós o vimos levantar os olhos ao céu, e ainda nos soam as palavras dirigidas por êle ao seu bendito Salvador: "*Senhor, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*"; e do seu rosto radiava uma alegria que nos confundia, atenta a situação do momento.

«*Bemaventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa.*»

Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós». (S. Mateus 5:11 e 12).

Batalhador incansável pela Obra do seu Mestre, durante anos e com tôdas as inclemências do tempo, êle lá ia, umas vezes só, outras acompanhado, através da serra, a caminho do Palhal onde o esperava um pequenino rebanho, seus filhos na Fé, para ouvirem a mensagem que o Senhor lhes enviava. Quando descia a serra, era freqüente ouvir-mo-lo cantar, entre outros, êste cântico.

Vamos nós trabalhar — somos servos de Deus —
E servir nosso Mestre a caminho dos céus;
Com o seu bom conselho o vigor renovar,
E fazer diligentes o que Êle ordenar.

....

A testemunhar a vontade e a persistência inabalável de espalhar as Boas Novas da Salvação, procurando sempre aumentar o número de ovelhas redimidas pelo Bom Pastor, deixou Marques Pereira, como um padrão, a «Capela Evangélica» de Senhorinha, testemunha fiel do seu esfôrço em prol do próximo, onde se reünem aqueles que aceitaram Cristo como seu salvador, para ouvirem a Sua santa palavra, orando e cantando hinos de louvor àquele que morreu na cruz derramando o seu precioso sangue por nós. Pois «*se estes se calarem as próprias pedras clamarão*». (S. Lucas 19:40), foram estas as palavras de Jesus aos fariseus, quando estes pretendiam fazer calar a multidão dos discípulos que dava louvores a Deus em alta voz, por tôdas as maravilhas que tinham visto.

Aqui tens leitor amigo uma pequenina parcela do muito que te podia dizer sôbre «quem fôra e quem era Manuel Marques Pereira», mas que êste poucochinho sirva para que desperte em ti o desejo de te arrependeres, hoje mesmo, dos teus pecados aceitando Jesus como teu único Salvador. E, caso seja possível, possamos todos nós fazer tanto ou mais do que êle fez pela causa da propagação do Santo Evangelho e que para honra e glória do nosso Pai Celestial, no dia do ajuste de contas possamos ouvir o Senhor Jesus dizer: «*Bem está, servo bom e fiel, entra no gôzo do teu Senhor*» (S. Mateus 25:21). Então nos reünriemos outra vez, para todo o sempre na, mansão celestial, juntos dêle, assim como dos anjos e do nosso Redentor com todos os Seus redimidos. Amen.

Hugo M. Pereira

---

chegaste. Por certo haveis de compreender que não há assunto mais importante. Eu apelo para a vossa lealdade e necessidade que todos nos temos de ocupar dêste caso, que é de vida ou de morte eterna.

As portas da eternidade estão abertas; há a porta estreita que dá entrada para a vida, e uma porta larga que dá passagem para a perdição. O Senhor Jesus é a *Porta*. Ele disse entrai pela porta estreita, por onde entram poucos em proporção dos muitos que entram pela porta larga.

Pessoas há, que manifestam tendência para a aceitação do Evangelho, mas olham para os outros; queriam que fôssem todos, supondo que na multidão ou no número é que está a razão; esquecendo-se de que Jesus disse: "*Não temais oh pequenino rebanho*"

Vale bem a pena cuidar dêste negócio, do qual depende uma eternidade de bemaventurança, ou de tormenta.

Escolhei emquanto tendes tempo; e se voluntàriamente quereis continuar a desprezar a bênção que Deus nos oferece tão bondosamente então não impeçais outras pessoas, para que a vossa condenação não seja maior.

Vosso no amor pela Verdade

M. Pereira